

JORNAL DE GARVÃO

Nº 17 Abril de 2013

0,50 Euro

<http://garvao.blogs.sapo.pt/>

FEIRA DE GARVÃO História e Tradição Pag. 8 / 9



VACAS GARVANESAS Pag. 11



JOSÉ JÚLIO DA COSTA O Homem Natural de Garvão que Matou o Presidente da República Sidónio Pais Pag. 6 / 7

TI MANEL-DA-VACA- GORDA O Último Caminhante do Sul Algarvio e Alentejano Pag. 5

PATRIMÓNIO "DESMESURADO"

A preservação da memória local, envolve compreender e respeitar o passado e, principalmente, promover a garantia de um futuro melhor.

Pois respeitar, compreender e honrar o passado, implica enfrentar o futuro com outras certezas e garantias para aqueles que o conhecimento da sua história lhes dá a experiência do passado.

A memória local, a identidade, tanto se refere às raízes familiares, como ao património que nos rodeia, à lembrança ou aos valores, tanto no passado, como no futuro, (visto que é um processo em construção), reflectindo-se sobre a comunidade de forma dinâmica, devido tanto à diversidade a nível biológico, cultural e individual do ser humano, como às condições climáticas, a escassez ou abundância de recursos naturais, isolamento e/ou afastamento geográfico da área onde nasceram ou residem.

De facto em termos culturais e históricos, Garvão terá um património "incomportável" ou "desmesurado", com a sua categoria de freguesia, e as respectivas consequências e necessidades, em termos de investimento, nas actuais divisões administrativas do país.

A dicotomia reinante entre centros e periferias é notória: em termos financeiros; em termos de investimento; em termos de criação de emprego: em termos de desenvolvimento, investigação e divulgação histórico-cultural.

O que falta é compreender o passado e a sua importância em salvaguardar o futuro, o "excesso" patrimonial quando não investigado e salvaguardado, degrada-se e torna-se insuportável, senão mesmo um incómodo para os eleitos institucionais, quando de facto seria o contrário que deveria prevalecer.

Uma notícia sobre a descoberta de um Cemitério Medieval noutra terra, (como o de Miranda do Corvo na página três), ou de um Ossário, (como o descoberto no Cemitério Medieval das Barreiras no Distrito de Braga), desperta curiosidades e interesses. O mesmo acontecimento em Garvão, passa despercebido, mais do que passar despercebido a incúria e a ignorância tornam "decrépito" o resto.

O conjunto Cemitério Velho / Necrópole Medieval / Ossário / Igreja do Espírito Santo, situado "intra-muros" da cerca defensiva do Castelo Medieval de Garvão / Furadouro, é, infelizmente, um mau exemplo do tratamento, descuido e desconsideração do nosso património e um triste exemplo do que deveria ser uma contribuição, (modesta ou não), de desenvolvimento local

JOVENS DA TERRA LIMPAM CEMITÉRIO VELHO



Um grupo de jovens da terra, com o apoio da Junta de Freguesia, resolveu meter mãos à obra e limpou o Cemitério Velho.

"Limpou", não no sentido a que vem sendo habitual nos últimos anos, pois, para além dos gradeamentos das campas em ferro que desapareceram ao longo dos anos, até "limparam" a lenha das oliveiras para o chupão, mas no sentido de o tornarem mais limpo e pelo menos em condições de ser visitado.

Para além do chão no interior do cemitério e das campas em pedra talhada, tanto com figuras como com letras serem limpas, procedeu-se igualmente à limpeza dos inúmeros rebentos de oliveiras, que nasciam descontroladamente no lugar das centenárias oliveiras que ainda não há muito tempo, como já se referiu, alguém cortou para aproveitar a lenha para o lume.

Contudo se esta limpeza se concentrou essencialmente no corte das ervas que anos por falta de limpeza cobria não só o terreno, mas inclusivamente as próprias sepulturas e as referidas campas em pedra talhada, outros trabalhos se requererão para preservar este marco tão importante na história da vila de Garvão.



Marco importante não somente por lá ser o final destino de quem nos precedeu, mas igualmente e como este Jornal tem vindo a referir nos números anteriores, por se tratar de um conjunto arquitectónico em que se denota, claramente nas suas paredes vestígios de construções mais antigas, nomeadamente a Igreja do Sagrado Espírito Santo com toda a história que isso acarreta inserindo-se esta na Irmandade do Sagrado Espírito Santo de Garvão, anterior à fundação da Santa Casa da Misericórdia de Garvão e às subsquentes lutas entre ambas as Confrarias, pois a Misericórdia animada de protecção régia, tentou apoderar-se dos bens da Irmandade, nomeadamente propriedades como o Arzil e outras o que eventualmente veio a conseguir com o fim da referida Irmandade.

JORNAL DE GARVÃO

Largo D. Afonso III, 7670-125 Garvão

Redacção: José Pereira Malveiro, José Daniel Malveiro

<http://garvao.blogs.sapo.pt/>

Publicado: Ao abrigo da lei de imprensa, 2/99 de 15 de Janeiro, artigo 9º nº 2.

Registado: No Instituto Nacional de Propriedade Industrial: Marcas e Patentes.

TIPOGRAFIA: NET impressos - Rio de Mouro



Miranda do Corvo Descoberto Cemitério da Idade Média

Na sequência de escavações arqueológicas, em Miranda do Corvo, foi descoberto um cemitério da Idade Média, anunciou esta quinta-feira a Câmara Municipal.

De acordo com a agência Lusa, as escavações, que decorriam na zona do calvário, no âmbito do projecto Rede Urbana dos Castelos e Muralhas Medievais do Mondego, destinavam-se à descoberta da muralha do castelo medieval, que ali existiu até finais do século XVIII.

«Viemos para escavar um castelo e descobrimos uma necrópole», disse à agência Lusa a arqueóloga Vera Santos, responsável da equipa de campo que, desde o verão de 2011, procedeu aos trabalhos.

A arqueóloga explicou que, em 40 metros quadrados foram identificadas 29 sepulturas, escavadas 25 e «levantados 38 indivíduos», devido a corpos enterrados em sobreposição.

Uma necrópole «com tantas sepulturas, com uma ocupação tão extensa, com material osteológico tão bem preservado é rara em Portugal», sublinhou a responsável pelas escavações.

«Quando temos sepulturas escavadas na rocha, em granito, falamos em uma, duas, três, no máximo, e quando se fala em necrópole, falamos em sete. Aqui, falamos em 29. O facto de ser em xisto é também muito pouco usual e, normalmente, já não aparecem com tampas e com esqueletos», disse a arqueóloga, para quem está, neste caso, «perante uma estação arqueológica digna de registo».

Segundo Vera Santos, a maioria das sepulturas identificadas «são antropomórficas», ou seja, têm forma humana.

O castelo de Miranda do Corvo, que fazia parte da linha defensiva do Mondego, havia sido importante durante o período da reconquista cristã. Dele restam apenas a torre - em que no início do século XX ainda era possível vislumbrar as cantarias quinhentistas -, reconstruída sem suporte documental e actualmente em estado de degradação, e uma antiga cisterna.

«A transformação desta zona numa pedreira e, depois, as obras realizadas nos anos 60 do século XX, delapidaram o sítio, transformando-o e fazendo esquecer qualquer memória de que aqui tenha existido um castelo, pois apenas sobreviveu a torre sineira, completamente descaracterizada, e a cisterna», sublinhou Vera Santos.

A Estação Arqueológica do Alto do Calvário, como foi designada, está aberta ao público até ao final desta semana, com visitas guiadas, no âmbito do Dia Internacional de Monumentos e Sítios, que se assinalou na quarta-feira.

Feira de Garvão

XVIII Exposição Agro-Pecuária

Feira de Garvão – XVIII Exposição Agro-Pecuária

Entre 11 e 13 de Maio de 2012 decorre mais uma edição da secular Feira de Garvão. À semelhança dos anos anteriores, o certame deste ano, que conta com a XVIII Exposição Agro-Pecuária, volta a ter muitos pontos de interesse, com o evento a ser organizado numa parceria da Câmara Municipal de Ourique com a Associação de Criadores de Porco Alentejano.

PROGRAMA FEIRA DE GARVÃO

11 de Maio | sexta-feira

18h30 – Abertura

21h30 – Animação musical com Tó Romão

12 de Maio | sábado

10h00 – Equitação de Campo (concurso)

11h00 – Encontro de Produtores | Leilão de Reprodutores de Porco Alentejano

14h00 – IV Derby de Atrelagem da Região Sul

15h00 – Campeonato de Petanca

17h00 – Grandiosa Corrida de Touros | Joaquim Bastinhas | Tito Semedo | João Moura Caetano | Praticante Alexandre Gomes - Grupos de Forcados de Cascais, Alenquer e Beja | 7 touros Varela Crujo

21h30 – Baile com RM

23h00 – Espectáculo com Sonido Andaluz

00h30 – Continuação do baile com RM

13 de Maio | domingo

10h00 – XII Concurso Regional de Garvão do Rafeiro do Alentejo

11h00 – Equitação | Provas livres para crianças

14h30 – Demonstração Dressage

15h30 – Demonstração Equestre com João Jorge

16h00 – Peddy Paper no Garvão

17h00 – Música Popular | Arlindo Costa- Projecto

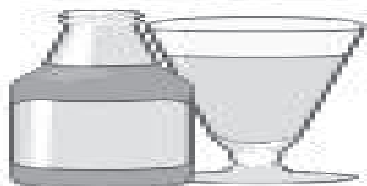
Alentejo - Grupo Toques da Terra Branca “O Cante da Tradição”

18h00 – Entrega de Prémios Ovinos e Caprinos

18h30 – Baldão e Despique

DIVULGAÇÃO COMERCIAL: Toda a publicidade incluída neste jornal não está sujeita a pagamento

Café Central



Manuel Bárbara dos Reis
Comidas e
Dormidas

Telef. 286 555 113

Lg. da Amoreira, 3 – GARVÃO



Fazer HISTÓRIA LOCAL

Fazer a história de uma localidade ou região implica recuperar memórias disseminadas por um conjunto de vestígios onde o espaço e as sociedades se inscrevem.

Face à diversidade dos temas possíveis de abordar, em consonância com a trajectória da vida das comunidades, a investigação é complexa, exigindo que se percorram arquivos, bibliotecas, museus, etc., ou seja todos os locais onde a memória da presença humana se encontra preservada.

Antes mesmo de se procurar um documento de arquivo, e a fim de se obter uma visão de conjunto e se gizarem os contornos do estudo que se pretende fazer, importa conhecer, desde logo, a bibliografia já publicada sobre a localidade ou região, recorrendo, em primeira instância, a obras de índole geral, tais como enciclopédias e dicionários.

De entre outras, consideramos de uma enorme utilidade as seguintes obras de síntese e de referência:

Bibliografia corográfica de Portugal. Lisboa: Biblioteca Popular de Lisboa, 1962-1975;
COSTA, Américo – Dicionário corográfico de Portugal Continental e Insular: hidrográfico, histórico, orográfico, biográfico, arqueológico, heráldico, etimológico, 12 vol. Porto: Livraria Civilização, 1929-1949;
COSTA, Padre António Carvalho da – Corografia portuguesa e descrição topográfica. Braga: Typographia de Domingos Gonçalves Gouvea, 1868;
Dicionário de História de Portugal, dir. de Joel Serrão, 4 vol. Lisboa: Iniciativas Editoriais, 1961-1971;
LEAL, Augusto Soares d’Azevedo Barbosa de Pinho . Portugal Antigo e Moderno. 12 vol. Lisboa: Livraria Ed. Matos Moreira, 1873-1890;
LIMA, João Baptista de – Terras Portuguesas, 8 vol. Póvoa do Varzim, 1931;
RODRIGUES, Guilherme; PEREIRA, João Manuel Esteves – Portugal: dicionário histórico, chorográfico, biográfico, bibliográfico, heráldico, numismático e artístico, 7 vol. Lisboa: João Romano Torres e C^a, 1904-1915;
VASCONCELOS, José Leite de – Etnografia Portuguesa: tentame de sistematização, 6 vol. Lisboa: Imprensa Nacional, 1933-1975.

Dever-se-á, em seguida, inventariar a bibliografia especializada, com especial destaque para as monografias.

A identificação de documentos de arquivo exige que a investigação se processe em vários fundos. A DGARQ dispõe de um instrumento indispensável ao investigador, que simultaneamente lhe permite a selecção dos fundos arquivísticos e o orienta no acesso aos documentos, através da indicação dos respectivos IDD (Instrumentos de Descrição Documental). Trata-se dos volumes I e II do Guia Geral dos Fundos da Torre do Tombo, publicados em 1998 e 1999, reportando-se às Instituições do Antigo Regime (os restantes volumes deste Guia estão em curso de elaboração e publicação).

No contexto de uma abordagem global, merece-nos uma referência especial o manuscrito conhecido por Memórias Paroquiais de 1758, organizado alfabeticamente por freguesias. O índice L 321, que se lhe refere, remete de imediato para a localidade pretendida.

Os forais, cuja importância e interesse são por demais reconhecidos, encontram-se dispersos por diversos fundos e colecções, tais como Chancelarias Régias, Gavetas, Leitura Nova, etc. Torna-se, pois, de primordial valor o contributo de Francisco Nunes Franklin, cuja obra Memórias para servir de índice dos forais (...) fornece todas as indicações necessárias. A referida obra encontra-se na Sala de Referência à disposição dos leitores (L 483).

Relativamente à história contemporânea é de grande utilidade o Roteiro das Fontes da História Portuguesa Contemporânea, com coordenação

de Joel Serrão e direcção de Maria José da Silva Leal e Miriam Halpern Pereira, disponível igualmente na Sala de Referência (L 534).

Para um estudo mais detalhado revestem-se de grande interesse os seguintes fundos e colecções documentais, existentes na DGARQ, e aos quais se pode facilmente aceder percorrendo os respectivos instrumentos de descrição disponíveis:

Alfândegas de Lisboa, Índice L 266. Inventário publicado;
Alfândega do Porto, Índice L 533;
Capelas da Coroa, Índices L 11 e F 45;
Casa do Infantado, Índices L 13, catálogo C 7;
Casa das Rainhas, Índice L 13, catálogo C 8;
Chancelarias das Ordens Militares: Ordem de Cristo, Índices L 393 a 434; Ordem de Santiago de Espada, Índices L 436 a 444; Ordem de São Bento de Avis, Índices L 385 a 392;
Chancelarias régias, Índices L 20 a 206, por ordem sequencial de reinados, de D. Afonso I a D. Pedro IV. As Chancelarias de D. Duarte e de D. João II dispõem de Índices informatizados e impressos;
Conselho da Fazenda, Índices L 212 a 512, C 27. Inventário publicado;
Desembargo do Paço – Repartição do Alentejo e Algarve, inventário L 570 e Índices L 257 e 258, F 48 a 56;
Documentos do Reino do Algarve, Índice L 487;
Gavetas, Índice e catálogo L 267 a 273;
Impostos, Índices L 510 e 511;
Inquirições, Índices L 278 a 280;
Instituições religiosas, catálogo;
Junta do Comércio, Índices L 305, C 466 a C 467 (refere as alfândegas do Alentejo, Algarve, Beira, Minho e Trás-os-Montes);
Leis, Índices L 306 a 310A;
Leitura Nova – Índices das chancelarias régias;
Ministério da Instrução Pública, Índice L 378 a 379;
Ministério do Interior, Índice L 497;
Ministério dos Negócios Eclesiásticos e da Justiça, Índice L 380;
Ministério do Reino, Índices L 210 e 382. Inventário publicado;
Núcleo Antigo, Índice L 574. Inventário publicado;
Provedoria e Junta da Real Fazenda do Funchal, Índices L 266, F 77;
Provedorias de Santarém e Tomar, Índice L 446, catálogo C 742 a 916;
Provedoria de Setúbal, catálogo C 917 a 970;
Provedoria de Torres Vedras, catálogo C 791;
Provedorias de Torres Vedras e Ourique, Índice L 447;
Registo geral de mercês, informatizado;
Registo geral de testamentos, Índices L 479 e 480, catálogo C 992 a 1060;
Registos notariais, Índices L 435, 439-443, 388-392, 418-434, C 268, 270, 638-643, 654-656, 730, F 61-67.

Para representações iconográficas sugerimos a consulta dos fundos e colecções seguintes:

Armorial de Francisco Coelho, intitulado Thesouro da Nobreza, CF 169, onde se representam brasões de vilas e cidades com assento nas Cortes;
Casa Real. Cartório da Nobreza; maço 73, constituído por uma colecção de gravuras representando brasões municipais;
Casa Cadaval, índice L 523;
Livro das fortalezas situadas no extremo de Portugal e de Castela, fac-símile disponível na Biblioteca de apoio à Referência;
Ministério do Reino. Colecção de plantas, mapas e outros documentos iconográficos, índice L 523. Inventário. Desdobrável;
Colecção Olissiponense, catálogo C 635 a 637.



TI MANEL-DA-VACA-GORDA

O Último Caminhante do Sul Algarvio e Alentejano

Andarilho, Caminhante, Viajante, Andante, Calcorreador, tudo isto “ti Manel-da-Vaca-Gorda” foi. Desde as aldeias piscatórias Algarvias às margens do Tejo no Pinhal-Novo e Barreiro, desde as Serras raianas do Sul às solarengas planícies do interior alentejano, fazia do caminho-de-ferro a sua estrada, calcorreando sobre travessas e carris, palmilhando milhares de quilómetros sobre a via-férrea do Sul e Sueste, parando nas estações que no caminho encontrava.

Conhecido por “ti Manel-da-Vaca-Gorda”, personagem popular, lembrada ainda hoje pelos mais velhos, de certo o último viandante do Sul Algarvio e Alentejano, chapéu de aba larga, de bordão numa mão e o violão na outra.

A tiracolo pendia um pequeno sacolfe, onde, como homem antigo, tinha sempre o seu bocado de conduto, pão era certo e por vezes um pedaço de toucinho ou torresmos enrolado em papel pardo, ou, quem sabe, um bom naco de linguiça ou chouriço, quando não era, numa marmita, um bom pedaço de banha. No pequeno alforge escondia a bolsa das moedinhas de réis.

Nascido em 1906, sem local certo do seu nascimento, mas Algarvio com certeza.

Se fez da “linha” o seu caminho, cujo pavor aos carros as travessas palmilhava, quis o destino que viesse a morrer atropelado por um automóvel, em 1982, numa estrada que durante tantos anos evitara.

Se um copo de vinho lhe fazia puxar pelo violão, já as conversas sobre mulheres o agastavam, se alguém lhe dizia, “*esta noite vais dormir com a fulana tal*”, respondia “*É cagu... para put... c’á amanhã chove mer...*”, e “*viva Salazar*” bradava para quem o queria ouvir e vá-se lá saber porquê? Para espanto dos politizados sindicalistas ferroviários.

Não deixava, também, por mãos alheias a defesa da sua pessoa, quando provocado por algum jovem, ou por outros não tão

jovens mais atrevidos, que gostavam de lhe fazer tilintar a bolsa cheia de “réis”, só para o fazerem ouvir, o «ti Manel» lá levantava o seu bordão em jeito de ameaça e fazia prevalecer o seu timbre algarvio-serrenho em meros desabafos “filhos do débo”, ou “débo que vos pari...”.

Pertences eram poucos, muda de roupa lavada, por ele, nalgum poço ou ribeira e secada ao sol, conforme pernoitava nessas serranias ou charnecas, talego aviado de algumas comédias e o sempre companheiro cachimbo, talhado pelas suas mãos, peça única de engenharia artesanal, cujo tampo cónico lhe conferia uma singular feição.

Tunes, Messines, Amoreiras, Garvão, Ermidas até ao Barreiro ou Pinhal Novo, não havia travessas que os seus sapatos velhos de caminhante, sem meias, não levassem a sua figura, barba branca a que o fumo do seu artesanal cachimbo tingia de negro, cabelo grisalho, mas era a sua personagem e presença que o singularizavam e marcavam, transportava consigo coisas únicas.

O seu valor desregrado, tinha a genuinidade e a generosidade das gentes algarvias serranas, Ti Manel-da-Vaca-Gorda não era por ser andadeiro ou caminhante, não era isso que o tornava puro ou bondoso, mas sim porque era livre como os pássaros, sem gaiolas ou correntes, de quem calcorreava o seu livre destino, voando a sete pés, abraçando tudo e todos, e a todos oferecia a sua presença e o seu convívio, distribuindo novas, músicas, versos e quadras nas tabernas das aldeias, (quem não se lembra da taberna do Sr Arnaldo, da venda do Sr Chico Cezilio, das tabernas do Tio António Rola, do Tio Lucas da Sardoia, e há quantos anos tem o

Manél o café aberto?), perante personagens que o achavam singular, velhos que diziam conhecê-lo, novos que lhe achavam graça, aceitando ou compartilhando sustento, como se fosse um velho eremita regressado.



Em tempos existiu no bar da estação de Pinhal Novo um esboçado desenho-foto deste antigo algarvio, com seu chapéu e cachimbo, desenho que facilmente os passantes identificavam dizendo: «Olha. O ti Manel...!»

In: aAvezinha, 15 Dezembro 2011

B. P. & P. Lda.
CONSTRUÇÃO E REMODELAÇÃO
Batista Pereira & Pereira, Lda.

Construção e Remodelação

Rua Quinta da Silveira, Lt. 559 • 1675-818 Famões • Casal da Silveira
Telems.: 96 648 50 19 - 96 232 15 49 Fax: 21 980 40 08
E-mail: bapfstp@perreira2001@sapo.pt

MONTARAZ
GARVÃO

AGENCIA FUNERARIA ALENTEJANA
Funerária e instalações para todo o país

Sede:
Rua Eng. Duarte Pacheco 1-3
Avenida 45
1890-399 Ourique
Tel - Fax 288 513 561
E-mail: funaralentejano@sapo.pt

Filial:
Centro Comercial
Via Nova de 181 Pastos
Lote 36 Casa
Rua Gago Coutinho 72
1890-320 Ourique
Tel - 283 882 117

Estreita Nacional
3. LJA
Garvão

João Gonçalves 918810881
Elo Guerreiro 969163679
932895643
Pedro Gonçalves 912882541

Adília Pereira Coelho

TINTAS
DROGAS
FERRAGENS
MATERIAL PARA PESCA

Tel. 286 555 173 - Resid. 286 555 341
Rua do Alentejo, 12 GARVÃO

“BAR DA ESTAÇÃO”

REFEIÇÕES E PETISCOS REGIONAIS

de: **Célia Maria Pacheco Silva**

Telem.: 917 591 497
7670 - 129 FUNCLEIRA - GARVÃO

AUTO LITORAL António Adanjo

MANUTENÇÃO E COMÉRCIO DE AUTOMÓVEIS

Tel. / Fax 283 691 432 - Tlm. 936 852 990
CAMPO REDONDO

Restaurante Martins

Bairro Novo da Sardoia
Lote 38

da
João Martins Moreira Costa

7670 Garvão

Tels - 936 347 021 e 932 582 913



O Homem Natural de Garvão que Matou

A Greve Geral de 1818 e as Ocupações de Terras em Vale de Santiago.

A história de José Júlio da Costa não se resume só ao homem que matou um Presidente da República, porque Sidónio Pais era acima de tudo, pelas políticas que tomou, e implementou, um ditador.

É também a história de toda uma luta de classes, pela posse da terra, que assola o Alentejo de tempos a tempos.

É a luta dos que não têm terra, em oposição aos que a têm e não a desfrutam, ou não dão trabalho a quem precisa.

É também a história de como toda uma população, de um dia para o outro, se viu despojada dos mínimos meios de subsistência, a que estava habituada porséculos de vivência com a usual posse de terra.

Tal uso, foi alterado com as revoluções liberais, da primeira metade do século XVIII, e subseqüentes alterações efectuadas no sistema fundiário e venda dos baldios, o que de um momento para o outro privou a população mais pobre de alimentar o gado, apanhar lenha ou ter a sua própria horta. Situação esta, de privação do mínimo uso da terra para as suas necessidades alimentares básicas, que ainda está muito fresca na memória dos sem terra Alentejanos, que erupção de tempos a tempos com uma total negação à posse de terra pelos seus actuais proprietários.

É neste enquadramento social que surge José Júlio da Costa, como intermediário entre as autoridades e os revoltosos do Vale de Santiago, uma freguesia do Concelho de Odemira.

A população do Vale de Santiago no seguimento de uma Greve Geral Nacional, convocada pela U.G.T. (Central

Sindical Anarquista), e motivada pelos “ventos quentes” vindos da Europa do Leste, pela revolução dos Sovietes na Rússia em Outubro de 1917, pegaram nas suas rudimentares alfaias de trabalho e ocuparam celeiros e propriedades, a reivindicar, basicamente produtos alimentares e trabalho para sustento das suas famílias.

José Júlio da Costa serviu como intermediário na contenda, a pedido das autoridades, e convenceu os trabalhadores a renderem-se, com a promessa de que não seriam presos.

As autoridades políticas e policiais faltaram à palavra dada a José Júlio da Costa, de que, se os revoltosos se rendessem, não seriam castigados, prendendo-os logo a seguir e deportando-os para África.

José Júlio da Costa, sentindo-se traído, jurou vingar os seus conterrâneos do Vale de Santiago, matando o ditador Sidónio Pais. Ainda o barco que levava os revoltosos para África, para onde tinham sido desterrados, pelos tribunais do regime, não tinha chegado ao destino e já Sidónio Pais jazia com dois tiros de pistola na estação do

Rossio (Lisboa), disparados por José Júlio da Costa, que, assim, jurara vingar os seus conterrâneos do Vale de Santiago, que confiaram na sua palavra de que não seriam molestados caso se rendessem às autoridades.

José Júlio da Costa

José Júlio da Costa nasceu em Garvão, no dia 14 de Outubro de 1893, no seio de uma família de proprietários, considerada abastada para a época. Os pais, também de Garvão, eram Eduardo Brito Júlio e Maria Gertrudes da Costa Júlio, e era casado com Maria do Rosário Pereira Costa de quem não houve filhos.

Era o segundo filho de sete irmãos, um dos quais, “Senhor Celestino da Costa”, como era conhecido, era esposo



A Pistola, tipo "Belga" com que José Júlio da Costa matou Sidónio Pais. in: Memórias sobre Sidónio Pais. Rocha Martins. 1921.



José Júlio

Salão Mila
Emília M.ª Mestre Maia M.
Telef. 286 555 201 Rua Nova, 15-A
Telef. 965 779 545 GARVÃO

ANTÓNIO FRANCISCO DELFINO
VENDA E ASSISTÊNCIA TÉCNICA A PNEUS DE LIGEIROS E PESADOS
PNEUS AURORA - MECÂNICA GERAL
Telef. 286 555 416 - Telem. 962 341 322
GARVÃO

VEDESTEIN
ALLIANCE
MARSHAL PNEUS
RECONSTRUIDOS
FEDIMA
LIBRIFICANTES
SHELL



o Presidente da República Sidónio Pais

da professora D. Ilda, e foi o primeiro presidente da Junta de Freguesia de Garvão depois do 25 de Abril.

José Júlio da Costa, assentou praça, no exército, como voluntário, aos 16 anos em 21 de Maio de 1910. Combateu na Rotunda, pela implantação da República, nos dias 4 e 5 de Outubro desse ano. Ofereceu-se como voluntário para Timor, Moçambique e Angola, onde recebeu um louvor em 27 de Dezembro de 1914.

Deixou o exército a 11 de Abril de 1916 com o posto de Segundo Sargento. Pela Grande Guerra, (1914/18), ofereceu-se como voluntário para combater a Alemanha, o que não conseguiu.

José Júlio da Costa, nas entrevistas que deu, antes da sua morte, mostra claramente o seu descontentamento generalizado com a política seguida por Sidónio Pais, a quem acusa de traição aos ideais da revolução Republicana de 1910, por ser adepto da Alemanha e de alinhar ao lado dos Monárquicos e Clero, inimigos



io da Costa

da República.

De facto, Sidónio Pais governou em ditadura, pela política que implementou. Pode-se afirmar que foi o precursor de regime fascista nascido a 28 de Maio de 1926, que levou Salazar ao poder.

Sidónio Pais, sublevou as instituições democráticas nascidas com a revolução republicana e fez-se “coroar” presidente à revelia do Congresso e da Constituição Portuguesa.

No seu breve ano de governação foi suficientemente demonstrativo do cariz fascizante da sua política ditatorial. Liquidou o sistema parlamentar democrático, impôs a censura à Imprensa, centralizou os poderes, criou a polícia preventiva, rearmou a polícia pública, empregou uma enorme demagogia nos seus discursos políticos, transferiu para Lisboa as unidades militares da sua confiança, atulhou as prisões com milhares de

adversários republicanos; num ano de governação passaram pelas prisões de África e do país cerca de 20 mil pessoas.

José Júlio da Costa acusa também Sidónio Pais de ter abandonado, à sua sorte, o Corpo Expedicionário Português que combatia nas Flandres em França, na Grande Guerra de 1914-18, provocando a morte a cerca de 3000 soldados, sargentos e oficiais.

Tudo isto reforçou a convicção em abater Sidónio Pais, já ciente na sua mente, depois da traição perpetuada nos trabalhadores rurais do Vale de Santiago, facto que viria a consumir no dia 14 de Dezembro de 1918, na Estação do Rossio em Lisboa, com 25 anos de idade.

Depois de ter morto Sidónio Pais, José Júlio da Costa, foi preso e brutalmente agredido, logo ali no local, e levado posteriormente para a Escola de Guerra onde sofreu novos suplícios no seu corpo já ensanguentado.

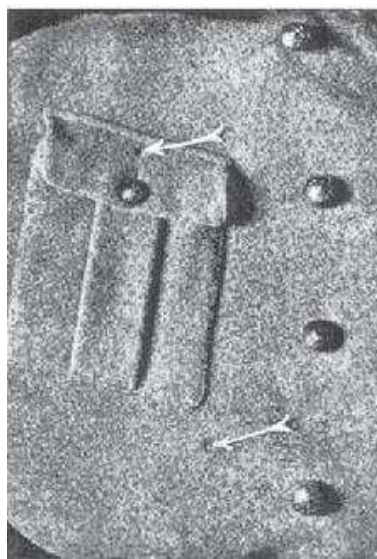
Preso, José Júlio da Costa sofreu todo o tipo de agressões, incluindo disparos, a meio da noite, para dentro da cela.

Os seus próprios familiares, sem terem nada a ver com o caso, foram molestados pelas autoridades, inclusivamente a sua mãe e a sua esposa, Rosária Pereira Neves Costa, foram presas nos calabouços do governo civil, onde ficaram incomunicáveis (Jornal “O SÉCULO” página 3 de 18 de Dezembro de 1918).

Ainda hoje, algumas pessoas da vila falam de tal, e ainda se lembram do estado que a D. Maria Gertrudes chegava à vila depois de ir ver o filho a Lisboa.

A mãe, antes de morrer, só pediu uma coisa: que levasse consigo o retrato do filho quando fosse enterrada.

José Júlio da Costa morreu a 16 de Março de 1946, no Hospital psiquiátrico Miguel Bombarda, em Lisboa, com 52 anos de idade, com a razão toldada por 28 anos de prisão sem nunca ter sido julgado, completamente esquecido nas prisões do regime. (in: Garvão Herança Histórica)



Colete usado por Sidónio Pais com as setas a indicar o local da entrada das balas. in: Memórias sobre Sidónio Pais. Rocha Martins. 1921.

Café Nascido do Sol
ALMOÇOS - PETISCOS - JANTARES
Tel. 286 555 347 - GARVÃO

Padaria MARTINS
Rua de Ourique, 22
de Joaquim Martins Moreira Costa
Telem. 926 005 930 - 936 347 021 - GARVÃO

CAFÉ CANELAS
de José Guerreiro Manuel
[Comandos] 719 091 191
Telefone 286 555 168
Telemóvel 935 090 101
Largo da Estação n.24 7670-128 GARVÃO

PADARIA VITÓRIA
Joaquim Rosário Guerreiro
Tel. 286 555 133
Rua Nova, 3 - 7670-141 GARVÃO



FEIRA DE

“Há minha bela Feira de Garvão”, dizia o anual visitante.

“Já lá vai o tempo”, respondia o companheiro, “em q’uisto ia daqui até à volta da Pézinha”.

“A Corredoura era um bem que te havias, havia ciganos, negociantes de bestas e simples curiosos por estas coisas do gado”.

Vendia-se lá de tudo:

Desde chocalhos, correias e arreatas
cabrestos, selas e selins,
esquilas e guizos,
albardas e molins,

Para bem ataviar:

Éguas, Cavalos, Burros e Burras
Machos e Mulas
Churriões e Carroças
Vacas, Ovelhas e Cabras.

A Feira de Garvão, até aos anos 50, talvez ainda nos princípios de 60, era local de encontro de uma “raça” de músicos ambulantes que desapareceu com o tempo.

Era o tempo do Tio Manel da Vaca Gorda, da Zefinha de Portel, do Ti’ Midio, do Norberto Gateira e outros. Corriam o Alentejo de terra em terra, por rotas diferentes, cruzando-se, com paragem obrigatória nos dias de feira onde se juntavam para disputar acérrimos “cantes à despique”, acompanhados à viola, para pasmo da assistência que os acompanhava e incentivava.

O Tio Manel da Vaca Gorda, (ver artigo na página anterior), ainda nas década de 60/70, do século passado, aparecia em Garvão, mesmo fora dos dias de feira, corria principalmente as povoações junto ao caminho de ferro, cujas travessas palmilhava a pé, havendo notícias que o davam para os lados do Barreiro e do Pinhal Novo.



O Ti’ Manél Bento, era um dos sobreviventes e habituais tocadores de uma arte que esteve à beira da extinção, não fosse o pronto apoio prestado por algumas entidades, nomeadamente o livro de José Alberto Sardinha sobre a Viola Campaniça e a vasta divulgação feita aos microfones da Rádio Castrense pelo Dr. José Colaço.

Antigamente, até aos anos 60, o instrumento era designado por viola, e por vezes por viola d’ arame, quando era



preciso diferenciá-la de outro instrumento parecido, apesar de hoje, ser também conhecido por viola Campaniça, devido à divulgação que este instrumento tem merecido nas últimas décadas.

O termo, viola Campaniça, era dado “pelos de Beja” de forma depreciativa a designar as violas rudemente afeiçoadas que se faziam e tocavam nesta zona do Baixo Alentejo.

Acredita-se, contudo, que em anos mais recuados a implantação da viola d’ arame fosse mais ampla.

Havia também os vendedores de quadras.

Álvaro Pedro, talvez o último sobrevivente desta mourisca tradição, que até aos anos sessenta/setenta do século passado corriam

Café Beira Linha
ALMOÇOS E JANTARES
Telef. 286 555 199
ESTAÇÃO DE GARVÃO

Coel. M.^o
901 897 621
MANUEL BARTOLOMEU ROMÃO, HERD.^o
ARMAZENISTA e DISTRIBUIDOR
Telef. 286 555 120 – Telef. / Fax 286 512 848
E.M. 123 KM 47,8
OURIQUÊ

ANTÓNIO
VENDA E ASSISTÊNCIA TÉCNICA
Radios e Televisões
Telef. 286 555 111
GARVÃO

ALUMIGARVÃO
Carlos Silva & Silva, Lda.
Tlm. 934 059 158
Caxilheira de Alumínio e Madeira
Montagem de Estores
Portões Basculantes e de Tolo
Tectos Falsos – Depósitos e Instalações Elétricas
Tel./Fax 286 555 164 – Rua Nova 25-B – GARVÃO



GARVÃO

as feiras do Norte alentejano ao Sul algarvio, nascido a 20 de Abril de 1926 e criado na Aldeia dos Fernandes, não deixava por mãos alheias o que lhe ia na alma.

“Vim para Garvão guardar gado, ouviu... coisa que faço desde os meus sete anos, ... há azar!?” e rematava logo, à laia de cautela:

“O meu padrinho era o Senhor Manuel Cortes, dono da Cabreira... ouviu ?

Se havia outros como ele... fica um pedaço a olhar, pasmado, mas depressa se recompunha e rematava... “conheci-os todos, o meu pai era albardeiro e cantou com o António Aleixo em Loulé”.

Se e conhecia a Zefinha de Portel: “O Quê? A Zefinha de Portel, aí a Zéfinha de Portel, era magana, era pior “cá” Tia Mariana da Estação de Ourique”.

Há quantos anos fazia quadras e vendia? Responde: “Ohhh ... isso é coisa muito antiga, há ca tempos qu’eu não vejo mais ninguém, sou só eu agora, já morreram todos, mas olhe que aí há uns anos éramos muitos”.

Os Ciganos faziam as delícias da Feira, “diz o povo que uma Feira sem Ciganos não é nada, e é verdade”, era vê-los a dirigirem-se, por vezes meses antes da Feira, de burro ou carroça pelas estradas fora



para Garvão, onde chegavam, sem primeiro, antes, se terem envolvido nalguma disputa ou contenda por um pedaço de palha ou por alguma erva ceifada, sem autorização do dono, para dar comer ao gado, características próprias destes “filhos do vento”, como alguém já lhes chamou, que por vezes criam e provocam a animosidade da população.

Arreavam tenda nos eucaliptos junto à Feira, e aí montavam arraial, onde cantavam e dançavam ao som de violas e música cigana pelas noites fora, por vezes transportavam, toda esta alegria, para o próprio recinto da Feira, principalmente pelos mais novos, que ao som da musica do Carrossel, ou outra, não se eximiam em mostrar os seus dotes de dançarinos, arrastando para esta dança alguns elementos da população.

A “corredoura”, local onde se corria (experimentava) as bestas ou cavalos, era só deles, no meio de um enorme pó e do calor de Maio, corriam com as bestas para trás e diante tentando evidenciar alguma característica do bicho que queriam vender, sempre falando alto e com um alarido enorme trocavam e destrocavam o mesmo burro ou mula duas ou três vezes no mesmo dia.

As famílias de Ciganos, de várias gerações, que costumam vir à Feira de Garvão, há muito que são conhecidas da população, principalmente dos negociantes, arte em que se tornaram mestres na sua vida de nómadas, os últimos nómadas do continente, que apesar de todas as vicissitudes da vida, teimam em manter o seu estilo de vida próprio, longe de influências externas.

“Oh, oh, belos tempos, onde é que isso há agora? Agora é tudo igual”, compunha o visitante, “onde é que está o património etnográfico, artesanal, gastronómico e cultural da Feira de Garvão?

No consumo massificado da música pimba Lisboaeta?

Ou nas sempre iguais gaiolas superbock?” rematava o companheiro.

Garvão
minimercado
Da. José António Silva Nunes Lg. da Palmeira, 4 - OURIQUE
GARVÃO SUPER
MÍNIMERCADO

MOVIGARVÃO
Carlos Alberto Guerreiro Silva
Telef. 934 050 159
Móveis - Electrodomésticos
Tapetes e outros artigos
de decoração para o Lar
Candeeiros - Cadeiras por medida
Fax 286 555 164 - B.º Escola, 1.2 - GARVÃO

Drogaria Carapinha
De: Rui Nuno Gonçalves Carapinha
REDES - TINTAS - RAÇÕES
CEREAIS - FERRAMENTAS - ETC
Tel. 286 555 441
Tlm. 936 337 373
Rua Nova, 28 - GARVÃO



SUL e SUESTE

O Poeta João da Graça. (IV Parte)

Crónica de "O Poeta João da Graça", do livro "SUL e SUESTE" de Joaquim da Costa, (primeira parte, publicada no Jornal de Garvão número onze, segunda parte no número treze e a terceira parte no número quinze.)

Um dia, certo proprietário da vila, pessoa de bons sentimentos, encontrou, na capital, em triste situação de miséria e de abandono, o desventurado e genial poeta Gomes Leal. Comovido, convidou-o a ir até Garvão. Ele aceitou o convite. E envergada uma fatiota novinha, flor na lapela, todo janota, o altíssimo vate das «Claridades do Sul» acompanhou àquela vila do Baixo Alentejo, o seu amável protector. Houve festa de homenagem ao grande poeta na hospedaria do sr. Manuel Rosa.

Para o jantar de gala convidaram-se algumas pessoas da vila, amigas de poetas. Nenhum dos convidados faltou. Era um a honra para eles sentarem-se à mesa, num jantar de festa, em companhia de um homem de tão grande talento e cujos versos os jornais e revistas haviam aplaudido e celebrado. Compadre João da Graça, já velhinho, também recebeu um convite. Propositadamente, porém, Armando Reis, o promotor da homenagem, não lhe revelou a verdadeira identidade do homenageado. Na apresentação, omitiram-se os nomes.

- Um poeta de Lisboa... Um poeta cá da vila.. Cumprimentaram-se os dois poetas em tom amigável, Gomes Leal estava sorridente e à vontade; João da Graça, um tanto retraído. Ficaram sem-tados frente a frente, o poeta da cidade e o poeta da vila. Aquele, de bigode frisado, um ar alegre de conquistador, dirigia seu galanteio às pequeninas que enramalhetavam a mesa: êste, de barba crescida, toda branca, curvado, mantinha um si-lêncio respeitoso. Deu-se início ao festim. Vários pratos se foram servindo. O vinho espumava nos copos. A alegria comunicou-se... Gomes Leal não se cansava de enaltecer o sabor das iguarias e a gentileza das meninas Rosas... E já mestre João da Graça tivera qualquer dito feliz que dêspertara o riso dos assistentes. Quási no final daquele verdadeiro banquete, os assistentes pediram a Gomes Leal que recitasse alguns versos da sua autoria. E logo ele voltando-se para uma das amáveis donas de casa que serviam à mesa, recitou o seu maravilhoso soneto:

*Alucina-me a cor! A rosa é como a lira,
A lira, pelo tempo há muito engrinaldada,
E é já velha a união, a nupcia sagrada,
Entre a côr que nos prende e a nota que suspira.*

*Se a terra, às vezes, cria flor que não inspira,
A teatral camélia, a branca enfastiada,
Muitas vezes no ar perpassa a nota alada,
Como a perdida côr de alguma flôr que expira.*

*Há plantas ideais, dum cântigo divino,
Irmãs de oboé, gémeas do violino,
Há gemidos no azul, gritos no carmezim...*

*A magnólea é uma harpa etérea e perfumada,
E o cacto, a larga flor, vermelha, ensangüentada,
Tem notas marciais: soa como um clanim!*

Nem todos os assistentes sentiriam a beleza suprema destes versos. Mas os aplausos coroaram o fecho luminoso do soneto, e o compadre João da Graça pediu licença para abraçar «aquele sr. poeta da cidade». Abraçaram-se os dois. Mas Gomes Leal pediu logo ali ao poeta da vila a fineza de recitar também versos que houvesse feito. Queria ouvi-lo. E insistiu de tal modo que mestre João da Graça viu-se obrigado a recitar uma poesia.

- Versos a minha filha, estando eu doente e vendo-a chorar, anunciou êle. E recitou :

*Lágrimas vertidas
caídas
De uns olhos inocentes,
Não são lágrimas;
São estrelas cadentes,
Estrelas do céu desprendidas...*

*Cada uma delas
É mimosa flor
Que no meu peito se vem dispor*

*Hei-de cuidâ-las,
Hei-de regâ-las
Com igual pranto
Se o meu sentimento me chegar a tanto!...*

Estes versos de sabor popular e não conhecidos ainda dos que ali estavam, causaram sucesso. Os aplausos foram muitos e calorosos. E chegou então a vez ao cantor da «vida de Jesus» de abraçar João da Graça. E quando Gomes Leal disse quem era, o pobre poeta do campo quis beijar-lhe as mãos...

Despediu-se da vida, há já alguns anos, o poeta João da Graça. Não foi alvo de qualquer consagração, as gazetas não lhe publicaram as poesias. Poeta popular, os versos que compôs apenas ficaram na memória do povo das terras onde viveu, modesta homenagem ao seu talento, aqui ficam estas descoloridas notas, traçadas com a saudade de quem desfolha rosas sobre a sepultura de um amigo...

Joaquim da Costa/1940



VACAS GARVANESAS

As Raças Autóctones nos Produtos de Qualidade

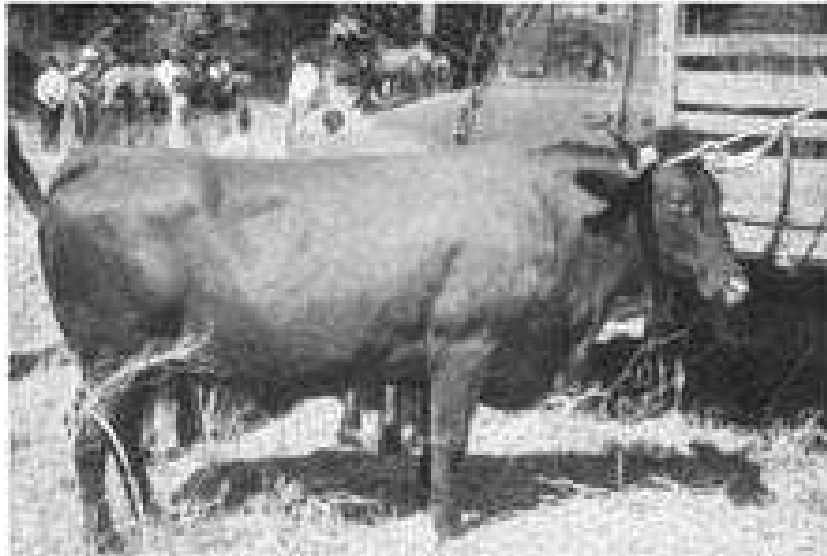
Embora a comercialização de carne de Vaca Garvonesa não seja ainda uma realidade, ao contrário de outras raças autóctones, de que um bom exemplo não deixa de ser a fábrica de enchidos Montaraz situada em Garvão, um grupo de agricultores e criadores da vaca Garvonesa, conjuntamente com a Associação de Agricultores do Campo Branco procura implementar uma rede de vendas da carne destes bovinos, valorizando assim a raça Garvonesa e uma mais valia aos seus criadores.

Para uma raça praticamente extinta há vinte anos atrás trata-se, sem dúvida, de uma aspiração, bem demonstrativa do esforço desenvolvido na recuperação destes animais, cujo solar se encontra precisamente nos concelhos limítrofes da bacia do Rio Mira e cuja afluência à Feira de Garvão ditou a sua denominação.

Apesar de hoje os efectivos destas vacas se situar aproximadamente no milhar, contando os adultos inscritos no Livro de Adultos, e os jovens inscritos no livro de nascimento, (no respectivo Registo Zootécnico), esta notícia de se tentar criar uma maneira de comercializar esta carne, demonstrativo do número significativo de animais existentes actualmente, torna-se mais surpreendente quando se tem em consideração que todo este aumento do efectivo bovino Garvanês, se deve ao sêmen recolhido de um único animal, (que teve de ser abatido),

entre os cerca de oitenta animais em vias de extinção existentes na altura, (devido principalmente ao cruzamento com outras raças), conforme se noticiou no Jornal de Garvão em Maio de 1995.

Como se referiu na altura os bovinos Garvaneses são descendentes da Raça bovina transtagana, tal como todas as nossas raças bovinas autóctones com solar de origem a sul do Tejo



A Estirpe Garvonesa, é uma variedade da Raça Bovina Alentejana, sendo considerada uma população um pouco heterogénea em termos de corpulência, o que se justifica pelas diferentes condições ambientais, em que até à bem poucos anos, era explorada.

Morfologicamente são animais pequenos que os restantes da Raça Alentejana, cuja diferença resulta da acção do meio ambiente, uma vez que as

condições, onde estes se encontram, são muito mais precárias, em relação aos últimos.

Têm o seu solar de Origem ns fronteira entre os concelhos de Ourique e Odemira, nomeadamente na zona serrana e tinham como áreas de dispersão os concelhos de Grândola, Santiago do Cacém e Sines.

O nome de “Bovinos Garvaneses” advém da grande afluência que estes animais tinham anualmente à feira de Garvão e também por se localizar onde se encontrava grande parte dos animais que constituíam a raça, na altura.

Café Futuro



Almoços e Jantares

Rua do Álamo

--- Internet Wireless ---

Associação Futuro de Garvão

REVEZ & GONÇALVES

Materials de Construção, Lda.



MATERIAIS DE CONSTRUÇÃO
PECUÁRIA
VENDA A RETALHO



Telef. 286 555 151 - Largo da Amoreira, 4 - GARVÃO

paraFarmácia
GARVÃO

Técnico: Luis Miguel de Oliveira Vieira Rato
Rua 25 de Abril n.º 3
7670 - Garvão

Tel: 286 555 200
Fax: 286 555 405
parafarmaciadegarvao@hotmail.com



Kafé Snack - Bar

“NOVO RUMO”

Servem-se refeições e petiscos diversos

Gestora: Maria de Fátima Barroso Pereira, Bárbara

Telems.: 934 785 927 / 936 234 652
Rua do Álamo, N.º 11 ** 7670-136 Garvão



FAMÍLIAS DE GARVÃO COM HISTÓRIA



FAMÍLIA ALVES

Alves é um sobrenome português, sendo considerado uma abreviação do sobrenome Álvares. Este sobrenome era usado pelos que tinham pai ou avô com o nome Álvaro, pelo que Álvares é patronímico de Álvaro. Devido a essa origem podem existir várias famílias que usam este apelido sem que existam laços familiares entre si.

Nos documentos antigos Álvares era abreviado como “Alvz” ou “Alz”. Mais simples de escrever e de pronunciar, esta versão curta acabou por se sobrepor ao nome inicial e ainda hoje a versão abreviada é mais usada. A partir de 1800 o sobrenome Alves é já mais utilizado do que Álvares.

LEMBRANDO ...

O Professor Manuel Joaquim Delgado

Autor de várias obras sobre o Baixo Alentejo nomeadamente, *A Linguagem Popular do Baixo Alentejo e o Dialecto Barranquenho*, editado em 1951 e *Etnografia e o Folclore no Baixo Alentejo*, editado em 1956, ambos reeditados pela

**A s s e m b l e i a
D i s t r i t a l d e B e j a
e m 1 9 8 3 e 1 9 8 5
r e s p e c t i v a m e n t e .**



**A Linguagem Popular do
Baixo Alentejo e o
Dialecto Barranquenho**

Segundo Jose Rabaça Gaspar, Professor aposentado de Língua e Literatura Portuguesa:

A obra do Professor Manuel Joaquim Delgado constitui um imenso celeiro – uma almástica – inesgotável, que possibilita uma investigação interminável para muitas e imensas áreas vocabulares...

Lembro-me de, nos anos oitenta (1980...), ter tentado encontrar alguns documentos que me pudessem apoiar na minha missão de ensinar a aprender a língua portuguesa aos alunos do ensino secundário, ali em Beja. Numa livraria, ‘A Estudantina’ um senhor informou-me de que havia umas obras importantes de um senhor estudioso, mas que estavam esgotadas... Mas em 1983 apareceram em segunda edição, pela mão da Assembleia

Municipal... Afinal, havia quem as considerasse importantes.

A meio de uma tarde de Outono, aproveitando o sol que ainda aquecia o jardim público de Beja, alguém me disse que aquele senhor de respeitável idade que passeava por ali, era o Professor Delgado... Sei que conversámos, mas não me lembro de quê... da importância de conhecer profundamente a nossa língua e as nossas raízes, para ser possível um sustentado desenvolvimento... Depois, na mesma livraria, explicaram-me que, de vez em quando, muito de vez em quando, o Senhor Professor passava por lá para saber se tinha havido vendas... Poucas, sempre muito poucas... eram temas que pouco diziam aos que estavam absorvidos com problemas muito básicos e imediatos, para se pensarem nos profundos fundamentos do desenvolvimento que se impunha... Mas, ao menos, ficava a obra... É o que espero, agora, deste meu atrevimento. Permitir que este trabalho, mesmo só em tópicos, se torne acessível aos novos meios que a tecnologia nos proporciona... e, daqui a uns anos... alguém lhe possa dar o devido valor... não a este meu, mas ao do Professor Delgado e mergulhe naquela SEARA VOCABULAR, muito, muito rica, em investigação, estudo, com citações, ilustrações, pistas de recolhas e investigações comparadas e confrontadas... um contributo precioso para criar uma IMENSA SEARA VOCABULAR a servir de lastro a todas as outras... Aqui fica uma tabela como convite a estudar a obra de Delgado.

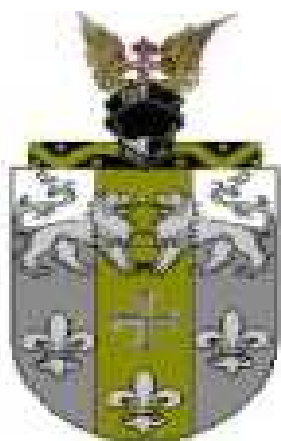
José Rabaça Gaspar

Corroios, 26 de Novembro de 2012

In: <http://pt.scribd.com/doc/114812556/Alentejo-Seara-Vocabular-03-Delgado>



**A Etnografia e o Folclore
no Baixo Alentejo**



FAMÍLIA BRAZ

C o n f o r m e pesquisas, Braz(ou Brás) é uma família de Origem Espanhola, mais precisamente de Puebla de Sanabria, que passou a Portugal na pessoa de Fernão Ortiz de

Braz. Fidalgo-homem que trazia consigo os títulos de nobreza herdados de família.

Fernão fundou em Valpaços a quinta e o solar dos Braz; Servindo ao Rei Dom João I, como escudeiro do rei e conselheiro de campo, lutou contra os castelhanos, primeiro em Atoleiros e mais tarde em Aljubarrota.

Reconhecido pelos seus feitos, o Rei Dom João I confirmou o brasão de armas e os títulos nobiliários de família.

CARPINTARIA CONVERSA

EXECUTAM-SE TRABALHOS EM ALUMÍNIO

- * Portas
- * Janelas
- * Marquises
- * Estores
- * Portões
- * Corrimões

Jorge Bento
964 173 005

Garvão - Ourique

